

Possível guerra no Iraque preocupa, mas Palocci descarta um “Plano B”

Cristiano Romero
De Berlim

A equipe econômica do governo já começou a incluir em suas contas os possíveis efeitos de um conflito militar no Iraque. Nos últimos dias, diante dos sinais emitidos pelos Estados Unidos, de que a probabilidade de uma guerra é cada vez maior, o cenário com o qual a equipe vinha trabalhando se deteriorou.

“Na medida em que foi anunciada pelos EUA a possibilidade iminente da guerra, isso fez com que os mercados no mundo todo, e não apenas no Brasil, tivessem uma depreciação”, comentou o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, que estava ontem na capital alemã, acompanhando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva na primeira visita de traba-

lho ao exterior do novo governo.

“Esta é uma questão que estamos analisando. É certo que uma situação como essa traz maiores dificuldades. Não acho que seja algo a ponto de provocar um desequilíbrio de longo prazo, mas é uma preocupação sem dúvida nenhuma”, ponderou Palocci, que se reuniu ontem com o ministro das Finanças da Alemanha, Hans Eichel.

O ministro disse que o Brasil tem condições de resistir a uma nova crise, caso ela venha a acontecer, e assegurou que não existe um plano alternativo. “Não há Plano B. Não acredito que, mesmo tendo uma crise internacional em níveis de conflito, possamos ter uma deterioração na economia a ponto de exigir o Plano B. Nosso plano é o Plano A. Ele vai dar certo, estamos otimistas”, afirmou, acrescentan-

do que o país já sofreu crises mais severas antes.

Questionado sobre a alta do dólar nos últimos dias, Palocci garantiu que não há limite para a desvalorização. “Temos um compromisso assumido e reiterado com o câmbio livre e câmbio livre é câmbio livre”, disse ele.

No encontro com seu colega da Alemanha, o ministro conversou sobre o apoio dos alemães à retomada dos créditos privados ao Brasil. “Conversamos sobre a construção de um ambiente de maior confiança no Brasil, queremos a participação do governo alemão nesse processo e eles podem contribuir com isso”, assinalou.

Durante entrevista, Eichel prometeu ajudar o país, embora não tenha anunciado nada concreto. Ele disse que o Brasil é, “de longe”, o parceiro mais importante

da Alemanha na América Latina. Segundo ele, o governo reagiu “de forma exemplar” às turbulências do ano passado.

Ontem, depois de ter reiterado os compromissos do atual governo com a política econômica do governo anterior, Palocci reafirmou a intenção de realizar as chamadas reformas estruturais, mas deixou claro que elas não serão aprovadas imediatamente. Ele não teme a reação dos governadores estaduais, por exemplo, à reforma tributária.

“Não se fazem reformas como essa (tributária) com consensos imediatos. Vamos construir um processo de consenso, não será da noite para o dia, mas será construído porque há determinação política do governo para isso e eu tenho certeza que os governadores partilharão dessa decisão”, afirmou.